

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LUÍSA JACQUES COLLATO

A TV É MINHA MELHOR AMIGA:
a integração entre mídia televisiva e aprendizagens

PORTO ALEGRE

1. SEMESTRE

2012

LUÍSA JACQUES COLLATO

A TV É MINHA MELHOR AMIGA:

a integração entre mídia televisiva e aprendizagens

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título em Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Magalhães
Corte Real

Porto Alegre

1. Semestre

2012

AGRADECIMENTOS

Nesse momento de realização e alegrias, tenho muito a agradecer...

À minha orientadora Luciane M. Corte Real, por ter aceitado fazer parte desse momento, pelas contribuições e pela disponibilidade.

À minha família, especialmente aos meus pais, por terem me proporcionado uma infância e experiência escolar maravilhosa, aspectos que foram fundamentais e decisivos para a escolha e adoração pela profissão que escolhi.

Às minhas amigas Amanda, Danielle e Nicole, por terem me acompanhado durante toda essa caminhada, vivenciando comigo os momentos importantes da minha vida.

À Graziela, pela paciência ao ouvir minhas angústias, pela boa vontade em me ajudar e solucionar minhas dúvidas, pelas madrugadas de discussão acerca do estudo (ou não...) e pelos momentos de descontração, também fundamentais!

Ao Ederson pela companhia, pelo carinho e pelo apoio, que foram essenciais neste momento tão intenso!

Às crianças que me inspiraram, dando sentido real às minhas concepções de infância e educação, é gratificante trabalhar por/com vocês!

À Escola que me abriu as portas para que eu pudesse realizar este estudo, à professora titular da turma pela atenção e disposição e aos queridos alunos que compuseram a alma deste trabalho.

À Escola de Educação Infantil Mundo da Criança, por ter me possibilitado inúmeras e inesquecíveis aprendizagens, e principalmente à Magali, por ter apostado e acreditado no meu potencial.

Aos professores do Curso de Pedagogia, que tanto me ensinaram e inspiraram ao longo dessa caminhada e que, com certeza, seguirão sendo referência para o meu trabalho.

À Faculdade de Educação, pela qualidade do ensino que me proporcionou, capacitando-me para a arte de educar, da qual tenho muito orgulho!

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma fizeram parte dessa importante trajetória!

RESUMO

A presente investigação apresenta-se como um estudo de caráter qualitativo, na forma de estudo caso de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental de Nove Anos, de uma escola pública situada na Zona Sul de Porto Alegre/RS. Tem como objetivo elaborar propostas de integração e articulação das informações que as crianças obtém por meio da televisão à sala de aula. A pesquisa tem como referencial teórico as perspectivas de infância pós-moderna de Steinberg e Kincheloe. Para a coleta de dados, foram utilizadas ferramentas da etnografia, como conversas informais, entrevistas semiestruturadas, momentos de observação e também questionários. Os dados obtidos geraram categorias de análise, com o intuito identificar o posicionamento das crianças em relação à televisão – e informações nela veiculadas –, como elementos de aprendizagem. As análises indicam que grande parte dos alunos, apesar de ávidos telespectadores, não percebem e negam a televisão como um possível recurso a ser utilizado em sala de aula. Entretanto, pode-se observar por meio da literatura, assim como pelas respostas das crianças, que hoje estamos lidando com uma infância pós-moderna. Portanto, torna-se, além de possível, necessária a consideração de elementos da cultura infantil midiática na escola. Tais artefatos precisam ser explorados pelos professores, fazendo da sala de aula um ambiente mais atrativo, questionador, informativo e dinâmico.

Palavras-chave: **Televisão. Práticas Pedagógicas. Infância pós-moderna.**

SUMÁRIO

1 DAS INSPIRAÇÕES À APRESENTAÇÃO DO ESTUDO	6
2 A TELEVISÃO NA VIDA INFANTIL: UMA ABORDAGEM TEÓRICA	9
2.1 INFÂNCIA PÓS-MODERNA	9
2.2 A CRIANÇA E A TV	12
2.3 CULTURA INFANTIL COMERCIAL	17
3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	23
4 AQUI É SÓ PARA APRENDER AS MATÉRIAS, NÃO SOBRE DESENHO, VER TV ... – DAS ANÁLISES	25
4.1 DAS ENTREVISTAS COM OS ALUNOS	25
4.1.1 Sobre o tempo em que não estão na escola	25
4.1.2 Sobre os programas por elas assistidos	26
4.1.3 Sobre os atrativos que tornam os programas de TV interessantes	28
4.1.4 Sobre as possibilidades de aprendizagem com a televisão	29
4.1.5 Sobre o consumo a partir da mídia televisiva	31
4.1.6 Sobre uma possível articulação da TV com a sala de aula	32
4.2 DOS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS PAIS	36
4.2.1 Sobre o tempo em que a criança assiste TV	36
4.2.2 Sobre a televisão no quarto da criança	38
4.2.3 Sobre a opinião dos pais sobre a função da televisão	38
4.2.4 Sobre consumismo e televisão	39
4.3 DAS CONVERSAS COM A PROFESSORA TITULAR DA TURMA E OBSERVAÇÕES	42
5 ENTÃO, O QUE PROPOR? – PENSANDO PROPOSTAS DE ARTICULAÇÃO E INTEGRAÇÃO DAS INFORMAÇÕES TELEVISIVAS À SALA DE AULA	44
5.1 MOMENTO DA NOTÍCIA	44
5.2 RODA DE CONVERSA	45
5.3 TRABALHANDO COM OS PROGRAMAS E PERSONAGENS	46
5.4 DANDO ASAS À IMAGINAÇÃO	47
5.5 UTILIZANDO DIFERENTES MATERIAIS	48

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	49
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	54
ANEXO 1 – Carta de Apresentação.....	54
ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (entrevistas)	55
ANEXO 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (questionários) ...	56
APÊNDICE	57
APÊNDICE A – Roteiro de Perguntas das Entrevistas	57
APÊNDICE B – Questionário	58

1 DAS INSPIRAÇÕES À APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

A influência da mídia (mais precisamente da televisão) está presente cada vez mais cedo na vida das crianças. Afirmo isso com base na minha própria experiência, que apesar de pequena, é suficiente para que se pense no assunto.

Durante a minha infância, nos anos 90, os acessórios, o material escolar, os brinquedos, as conversas tinham como tema os desenhos animados, os filmes, as séries, as novelas. Enfim, a vida social se dava através do que a televisão nos oferecia com a sua programação. Em sala de aula, falava-se sobre tais assuntos quando o andamento da aula corria o risco de ser prejudicado. Por exemplo, na época da “febre” do *tamagotchi*, nos foi proporcionada uma discussão, na qual devíamos refletir se a utilização do bichinho virtual era adequada na escola. Hoje em dia, podemos comparar essa situação com a da utilização de aparelhos celulares dentro das escolas.

Em uma diferente experiência de sala de aula, como auxiliar de professora da Educação Infantil, percebi como é importante para a criança a valorização da sua cultura, daquilo que a encanta e que faz parte da sua rotina. Os bonecos, CD's, DVD's, tênis, sandálias, chinelos, roupas e fantasias, roupas de cama, mochilas, livros, revistas, álbuns, figurinhas e todo o tipo de brinquedo ou objeto que se possa imaginar referiam-se a personagens do desenho ou do filme favorito. Elas exibiam esses objetos com muito orgulho, satisfazendo-se extremamente quando um adulto dava a atenção solicitada, mostrando saber do que se tratava ou quem era o personagem. Muitas vezes, inclusive nos momentos de choro, o melhor “calmante” ou companheiro era o tal brinquedo. Observa-se isso no comportamento das crianças desde o berçário, onde muitas vezes as poucas palavras que já balbuciam são os nomes dos personagens de programas que assistem ou músicas relacionadas a eles.

Durante a minha mais recente experiência, no estágio obrigatório do curso de Pedagogia, percebi que a importância desses aspectos na vida das crianças permanecia tão intensa quanto antes, ou até mesmo mais. Na turma de terceiro

ano em que trabalhei, o diferencial, com o qual ainda não havia me deparado, era a influência também dos personagens de jogos *on-line*. Os programas de televisão também já não eram mais apenas os infantis. As brincadeiras, os brinquedos, os comportamentos e as relações faziam alusão a programas de televisão e jogos de computador. Nesse universo, as crianças sentiam-se parte integrante de um grupo, no qual podiam opinar e atuar de forma ativa. No universo dos adultos, o que é importante para o público infantil, torna-se bobagem, apenas “coisa de criança”, desvalorizando-se uma cultura que não é a sua.

Vivemos em um mundo em que as crianças permanecem cada vez mais tempo em frente à televisão, desde muito cedo, sendo expostas a inúmeras informações. Esse uso abusivo da TV é, muitas vezes, uma opção dos pais, que transformam os aparelhos em verdadeiras “babás”.

Pude acompanhar o caso de uma criança de quatro anos de idade que pouco interagia e possuía fala muito pouco desenvolvida, que poderiam ser consequências de um uso abusivo e precoce da televisão. A menina, desde os primeiros meses de vida, era colocada em frente ao aparelho de TV para assistir filmes infantis. Consequentemente, essa era a sua única forma de diversão e interação. Apenas comunicava-se com o outro para solicitar, principalmente por meio de gestos e palavras desconexas, a colocação do filme no aparelho de DVD. Hoje, a criança frequenta médicos e fonoaudióloga para avaliar e amenizar seu atraso no desenvolvimento.

É preciso que pensemos nas consequências que o uso abusivo da TV pode trazer à vida dos pequenos. Os programas e personagens que elas assistem são também quem educam, são em quem as crianças se espelham e até quem elas querem ser. Por isso, acredito que devemos ter um olhar mais atento para o que proporcionamos como entretenimento para o público infantil.

Percebendo toda essa relevância das influências da televisão para a criança e para a constituição da sua própria cultura, passei a refletir e a me interessar pelo tema. Penso que a escola, que é um ambiente frequentado por crianças, poderia proporcionar espaços para que os artefatos da cultura infantil

pudessem ser discutidos e trabalhados. Dessa forma, ao valorizar o que interessa ao aluno, a sala de aula poderia vir a se tornar um lugar mais atrativo, onde também se colocasse em ação o olhar crítico sobre as informações da mídia televisiva.

Levando em consideração a relevância da mídia televisiva para a criança e para a constituição da sua própria cultura, esse estudo buscou responder à seguinte questão: **“Como integrar à sala de aula as informações obtidas pelas crianças por meio da televisão?”**. Para isso, levantei alguns subproblemas, visando conhecer os programas de televisão a que o grupo de crianças que constituíram a pesquisa assiste, de que maneira esses programas e seus personagens são levados por eles para a sala de aula, a quantidade de tempo que os alunos dedicam à televisão diariamente e as possibilidades de transformar as informações que eles obtêm a partir da TV em conhecimento. O objetivo principal desse estudo é pensar e construir propostas que integrem e articulem essas informações obtidas pela televisão à sala de aula, dando sentido e tornando a escola mais interessante, sintonizada com o tempo em que vivem os alunos que a frequentam.

Sendo assim, o trabalho seguirá com uma abordagem teórica, que situa o leitor em relação ao meu entendimento de infância atual, à importância da televisão nessa infância e à cultura comercial que é veiculada para as crianças. Em seguida, fala-se sobre a organização do estudo, ou seja, sobre as estratégias metodológicas utilizadas para a sua construção, e contextualiza-se os sujeitos da pesquisa. Após, realiza-se a análise dos dados obtidos a partir das estratégias utilizadas, apresentando-se algumas propostas construídas para realizar a integração da televisão à sala de aula. Ao fim deste trabalho, são apresentadas algumas considerações acerca do estudo e do meu caminho e formação como docente.

2 A TELEVISÃO NA VIDA INFANTIL: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

2.1 INFÂNCIA PÓS-MODERNA

“A infância é um artefato social e histórico, e não uma simples entidade biológica” (STEINBERG e KINCHELOE, 2004, p. 11)

Entendendo a infância como uma construção cultural e histórica, podemos perceber o quanto ela se diferencia em determinadas épocas, conforme as variações e tendências que se modificam com o passar dos anos na sociedade.

A infância do século XXI não é mais aquela infância ingênua da modernidade, que dependia dos adultos, que possuía hábitos e brincadeiras características de sua época, como brincar na rua. Hoje, as crianças têm modos diferentes de se relacionar com o mundo, o que se tornou possível depois do advento da televisão nos lares brasileiros. Elas vivem em uma condição pós-moderna, na qual seus pais trabalham muito para garantir uma boa qualidade de vida e as mídias assumem papéis de educar e entreter em segurança, dentro de casa. Por garantir essa “segurança” e comodidade, o hábito de assistir televisão tornou-se muito comum para as crianças, que estão saturadas de informações e pouco se movimentam ou brincam ao ar livre, em parques.

Podemos perceber que as gerações estão ficando mais curtas, mudando suas características rapidamente, com cada vez mais facilidade de acesso às novas tecnologias. Dessa forma, a infância também é encurtada e as crianças ficam cada vez mais precoces e, por consequência, tornam-se consumidoras ativas desde muito cedo. A infância pós-moderna, conforme Kincheloe (2004), é constituída por crianças que possuem acesso ao mundo adulto por meio das mídias eletrônicas; agora elas sabem o que normalmente apenas os adultos sabiam, são sexualmente esclarecidas, entendem sobre álcool e drogas e até experimentam pressões, administrando o estresse da escola, o trabalho em casa e a dinâmica interpessoal da família.

A partir dessas considerações, acredito ser importante refletir como lidar com essa infância pós-moderna na escola, em sala de aula. Como dito anteriormente, essas crianças já não são mais ingênuas e chegam à escola cheias de informações de todo o tipo. O modelo de escola tradicional não mais comporta esse modo de ser criança, causando uma desestabilização das pedagogias, uma inquietação, pois não é mais possível classificá-las e enquadrá-las nos lugares anteriormente designados para infantis e escolares, configurando um desafio para a educação escolarizada (MOMO, 2007).

A televisão é um artefato cultural do nosso tempo, e a escola não deveria negar isso. A TV pode nos oferecer muitas possibilidades, mas entender o que ela significa para a cultura infantil e como ela também pode ser prejudicial para o desenvolvimento social e intelectual da criança é essencial para o trabalho de um educador.

Ou seja, queremos tratar da TV como criação, como produção cultural que nos oferece uma série de possibilidades de expressão audiovisual, de comunicação de sentimentos, ideias, indagações, informações; ao mesmo tempo, desejamos fazer desse estudo da TV uma forma de pensar os problemas, as possibilidades e os impasses da educação na contemporaneidade – fortemente marcados por alguns sintomas culturais, relacionados às mudanças tecnológicas nas diferentes práticas de comunicação e de informação de nosso tempo. Há, portanto, um cruzamento básico aí, entre uma forma de expressão cultural, própria do nosso tempo, a modos de aprender e de ensinar, certamente alterados justamente pela existência desse e de outros meios de comunicação e informação. (FISCHER, 2003, p. 17)

As tecnologias e os questionamentos a elas são indispensáveis para uma educação em tempos de pós-modernidade, o aprender e o ensinar precisam ser repensados para que sejam contextuais à época em que vivemos. As crianças, sobrecarregadas de informação, necessitam de aprendizagens que sirvam para o cotidiano, que possibilitem experiências novas, que as ajudem a interpretar esse turbilhão de informações midiáticas. Se a escola nega essa produção cultural, que é a televisão, está negando a identidade das crianças da atualidade.

A fantasia é parte fundamental de nossas vidas. Tanto que não podemos dizer que ela é simplesmente diferente da vida, mas que ela faz parte do

que chamamos de real. Os filmes e as séries de televisão que assistimos, os livros que lemos, constituem nossa identidade pessoal ou coletiva. Todos são causa e efeito do que entendemos de nós mesmos. (CORSO, 2011 apud TIBURI – excerto extraído da contracapa do livro *Psicanálise na Terra do Nunca*)

A televisão é uma grande produtora de cultura infantil, cabe aos educadores trabalharem com isso. Não é plausível que a criança viva essa cultura tão intensamente e que a escola nada faça para entrar em harmonia com ela. A reestruturação de currículos, tendo em vista as modificações da infância, pode romper com a incoerência de escola tradicional em plena época de pós-modernidade.

Nesse contexto, os adultos podem vir a apreciar o fato de que a confusão e a desorientação de identidade das crianças pós-modernas podem ser uma reação razoável à incongruência entre a cultura infantil e o posicionamento escolar da criança. (STEINBERG; KINCHELOE, 2004, p. 48)

A criança que vai à escola hoje é sedenta por novidade e necessita de tecnologias, não é mais dependente do adulto, não brinca mais na rua, em conjunto com outras crianças, mas permanece a maior parte de seu tempo livre dentro de casa, distraído-se com jogos eletrônicos, computador e televisão, ou seja, é mais solitária. Tal hábito pode resultar em uma conduta individualista e pouco sociável, em que cada vez mais a criança se prende em seu próprio mundo, criando diferentes formas de relacionar-se ou de não se relacionar. Quando ela assiste televisão, não existe interação, mas sim uma comunicação unilateral, na qual o aparelho transmite informações e a criança as recebe sem poder se expressar, não estabelecendo vínculos, pois não há reciprocidade, questionamentos ou respostas.

Nos dias atuais, é possível visualizar novos modos de ser criança e de viver a infância, ou seja, é preciso que a escola entre de acordo com a realidade em que vivem esses sujeitos.

2.2 A CRIANÇA E A TV

“A televisão chegou aos lares, no início da década de 50, como um elemento desejado por suas possibilidades de oferecer entretenimento, informação e cultura.” (SOIFER, 1991, p. 9)

A televisão tem exercido para as crianças o papel de “mãe”, sendo destaque nas suas vidas, oferecendo entretenimento e companhia. As crianças ocupam grande parte do seu tempo com ela, por meio de programas que lhes dão prazer por sentirem-se integrados em uma coletividade. É uma nova forma de conectar a infância com a realidade, que passou a ter uma considerável relevância na vida e no desenvolvimento infantil.

Segundo Joan Ferrés (1996), o ato de assistir televisão ocupa o segundo lugar na escala de atividades dos estudantes dos países industrializados. “Levando-se em consideração os fins de semana e as férias, os estudantes passam maior número de horas assistindo à televisão do que em sala de aula.” (FERRÉS, 1996, p. 8)

Ainda, segundo o autor, crianças em idade pré-escolar assistem televisão 1/3 do tempo em que estão acordadas. Já os europeus, assistem em média 25 horas semanais de televisão. Seguindo essa média, estima-se que quando essas crianças completarem 70 anos, oito deles terão sido dedicados à televisão.

A pesquisa abordada por Ferrés (1996, p.8) aponta que:

Segundo dados do Estudio General de Medios, na Espanha um total de 96% das crianças entre 4 e 10 anos assistem à televisão a cada dia, sendo que 93% assistem a mais de três horas diárias em média e para 56% ela representa a única atividade de seu tempo livre. Segundo um estudo apresentado pelo Ministério de Educação francês, para 75% das crianças a televisão é a distração favorita.

De acordo com essa pesquisa, pode-se perceber quanto tempo a criança dispõe em frente ao aparelho televisor.

Ferrés (1996) acredita que tanto tempo dedicado pelas crianças para a

televisão é uma consequência da falta de áreas verdes nas cidades e da pouca disponibilidade que os pais têm para dedicar atenção aos filhos.

Isso pode ser relacionado ao alto índice de urbanização que vem ocorrendo nas últimas décadas, o que impossibilita a frequência infantil em um ambiente que não seja o de seu próprio lar.

Cecília Von Feilitzen (2002) buscou estatísticas de dez países sobre a quantidade de tempo que as crianças passam vendo TV. Os números são referentes ao ano de 1998, e a fonte das informações foi fornecida pela EURODATA TV. Abaixo, são destacados os resultados referentes à faixa etária de maior interesse para o estudo:

País	Faixa etária	Tempo médio de TV /dia
Argentina (Grandes Buenos Aires)	4 a 8 anos	185 minutos por dia
Chile (Grande Santiago)	5 a 9 anos	122 minutos por dia
Estados Unidos	2 a 11 anos	180 minutos por dia
Espanha	8 a 12 anos	159 minutos por dia
África do Sul	8 a 12 anos	115 minutos por dia

Líbano	4 a 9 anos	165 minutos por dia
Filipinas (Grande Manila)	7 a 12 anos	156 minutos por dia
Coréia do Sul (cidade de Seul – onde havia transmissão de 12 horas por dia nos dias de semanas e o dia todo nos finais de semana),	4 a 9 anos	112 minutos por dia
Austrália (Melbourne, Sydney, Brisbane, Adelaide e Perth),	5 a 12 anos	150 minutos por dia
República Tcheca	8 a 12 anos	128 minutos por dia

Ressalto que, com exceção do Chile (85,4%) e da África do Sul (62,3%), nos demais países o acesso à televisão em casa é de quase 100%. Também chamo a atenção para o fato de que não consegui acesso a dados mais atualizados, mas estes podem servir como um panorama geral, visto que atualmente o tempo dedicado à televisão deve ter se ampliado ou ramificado em virtude das diversas mídias tecnológicas de hoje. Infiro isso pelo fato da violência urbana ter se acentuado nos últimos anos, fazendo com que as crianças permaneçam por mais tempo dentro de casa do que brincando na rua, substituindo tal atividade por seus aparelhos televisores, vídeo-games e computadores.

Segundo pesquisa do IBGE¹, o Brasil é o país onde as crianças mais

¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

assistem à televisão no mundo, com uma média de 4 horas, 51 minutos e 19 segundos por dia. O IBOPE² apurou o mesmo número de horas em pesquisa do ano de 2005. Com números tão significativos de crianças com excessivo acesso à TV, acredito que a escola deva exercer seu papel de educar também para a mídia televisiva, que está presente a todo o momento dentro das salas de aula, trazida pelos alunos de diferentes formas. A televisão tem também educado nossos alunos, e cabe a nós, professores, trabalhar com suas influências, aliando-a à sala de aula, ensinando a assistir à TV.

Hoje a televisão tornou-se o instrumento privilegiado de penetração cultural, de socialização, de formação de consciências, de transmissão de ideologias e valores, de colonização. Por isso, é surpreendente que a instituição escolar não tenha somente deixado que essa hegemonia na educação lhe fosse usurpada, mas que ainda assista, impassível, ao processo de penetração da cultura audiovisual, sem oferecer sequer modelos de interpretação e de análise crítica para as novas gerações. (FERRÉS, 1996, p.10)

A escola precisa sair desse papel de impassibilidade e assumir o papel de educar para assistir à televisão, ensinando os alunos a interpretar símbolos da sua cultura e pensar de forma crítica no que lhes é proporcionado pela mídia. Assim como na leitura, em que é preciso interpretação para que se tenha entendimento, a televisão também requer esse exercício: ver/ouvir, entender, pensar e refletir. É necessário que as instituições escolares se adaptem às novas exigências do mundo, pois a sociedade muda, e, em consequência, a educação também deveria redimensionar e repensar seu papel.

Quando no Ocidente a letra impressa era a forma de comunicação cultural hegemônica, havia milhões de analfabetos. Hoje em dia, quando a forma de comunicação cultural hegemônica é a imagem, solucionou-se quase totalmente o problema do analfabetismo, mas há grandes massas de analfabetos na imagem. (FERRÉS, 1996, p.9)

Como uma tentativa de solucionar o problema do analfabetismo na imagem, precisamos pensar na responsabilidade dos educadores, juntamente com as famílias, para formar sujeitos aptos à prática de assistir à televisão.

Segundo Férres (1996), há duas dimensões que se deve considerar para

² Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

essa formação, integrando televisão e sala de aula. A primeira é educar *na* televisão, que seria educar para a linguagem audiovisual, oferecendo orientação e recursos para analisar criticamente a programação televisiva. A segunda é educar *com* a televisão, em que se utiliza a TV em sala de aula, otimizando o processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, a sala de aula será motivadora, pois, se os alunos dedicam tanto tempo assistindo à televisão, integrá-la à escola poderá tornar o ensino significativo e mais prazeroso, facilitando a aprendizagem.

Penso que as duas dimensões apresentadas precisam complementar-se mutuamente, pois dessa forma como afirma Ferrés (1996, p.96), “A televisão contribui para tornar o ensino mais motivador. E a escola contribui para que os alunos internalizem as normas de reflexão e análise crítica para quando assistirem à televisão fora do âmbito escolar.”

Portanto, acredito que ensinar a ver televisão e utilizá-la em sala de aula pode trazer benefícios consideráveis para a educação, dentro e fora da escola, sendo uma aprendizagem para a vida.

Outra questão importante, que Raquel Soifer (1991) nos traz é a seguinte: os prejuízos que o uso abusivo e precoce da televisão podem causar no desenvolvimento infantil.

Desde os primeiros meses de vida, as crianças estão em contato com a programação infantil (ou não) televisiva. Alguns pais optam por deixá-las em frente ao aparelho, pois assim sua criança está sendo educada e permanece imóvel, calma. Sendo assim, o uso da TV como uma “babá eletrônica” tem sido frequente nos lares.

Porém, a criança pequena precisa de imagens constantes para registrá-las na memória, o que não acontece ao assistir à televisão, devido a inúmeras e rápidas imagens que se tornam confusas para os pequenos:

A dificuldade de construir as imagens na memória origina uma dispersão caótica de imagens, que representa um prejuízo sério, já que tolhe a organização dessa função intelectual e, em geral, a organização do eu. (SOIFER, 1991, p.25)

Também os ruídos abundantes da televisão podem perturbar a atenção auditiva da criança:

Assim como o conhecimento dos objetos se realiza através de sua observação prolongada e de sua manipulação posterior, a formação da linguagem depende da comunicação verbal que a mãe e os demais integrantes da família mantêm com o bebê. A constância na percepção da palavra dos outros vai instalando o símbolo e, com ele, a linguagem. (SOIFER, 1991, p.25)

Nessa perspectiva, é difícil para a criança distinguir os sons e compreender as palavras, gerando desordem na sua mente e impedindo a formação de símbolos. Por isso, acredito que seja importante não delegar à televisão a função de educar e ensinar, pois ela não substitui o papel da escola e da família, podendo até causar prejuízos para a criança.

Também é importante acrescentar que a infância é um momento de inúmeras aprendizagens, nas quais a experiência, o concreto e o movimento têm muita relevância para o desenvolvimento, e esses fatores não são proporcionados pela televisão.

O tempo que a criança pequena passa nesta atitude [VENDO TV] a subtrai de outras atividades que lhe oferecem maiores possibilidades de crescimento físico e mental, como o brincar, a colaboração no lar, os esportes, o desenho e a modelagem, a leitura, etc. (SOIFER, 1991, p. 25-26)

Muitas vezes, até as horas de sono da criança são subtraídas devido à programação televisiva noturna. Com a redução do número de horas de sono, é provável que aconteça um estado de superexcitação e ansiedade. Este, juntamente com a pouca mobilidade devido às horas na frente da televisão, pode ser um motivo pelo qual as crianças de hoje são, geralmente, tão inquietas.

2.3 CULTURA INFANTIL COMERCIAL

O fato da televisão estar tão presente na vida das crianças, que demonstram isso a todo o momento nas suas brincadeiras e modos de ser, é um reflexo de como essa cultura infantil é importante para a formação das suas identidades, de sua

constituição como sujeito.

“[...]defendo a tese de que a TV, na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem audiovisual específica ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas – mais enfaticamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo.” (FISCHER, 2003, p. 15)

Por isso, acredito ser preciso dar importância a essa produção cultural, que é a mídia televisiva, pois é algo que toma uma grande dimensão em nossas vidas e que muitas vezes nem ao menos percebemos.

Pode-se dizer que a TV, ou seja, todo esse complexo aparato cultural e econômico – de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informação, publicidade e divertimento, com uma linguagem própria – é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida. (FISCHER, 2003, p. 15)

O acesso à TV e à sua programação, além de entreter, informa, educa e produz novas formas de ver o mundo, novos olhares, que nem sempre são o que desejamos ou acreditamos ser os mais adequados para as crianças (ou mesmo para os adultos), pois, como apontam Steinberg e Kincheloe (2004, p.19), “o entretenimento das crianças, como em outras esferas sociais, é um espaço público disputado, onde diferentes interesses sociais, econômicos e políticos competem pelo controle.”.

Não podemos esquecer que as grandes corporações são quem está por trás dessa programação assistida pelas crianças, que, por consequência, são elas quem transmitem as mensagens que se tornam tão significativas para a vida infantil, visando seus próprios interesses. Pensa-se muito que programas infantis são bons para as crianças, mas precisamos atentar para aspectos de discriminação de gênero, etnia e classe social que são recorrentes nesses programas, afinal, as corporações transmitem o que lhes interessa e lhes representa. Portanto, pode-se observar, a partir da colocação de Steinberg e Kincheloe (2004), que não existe transparência em relação aos programas de televisão ou filmes voltados ao público infantil, de

forma que privilegiam principalmente os interesses daqueles que produzem essa mídia televisiva por meio de mensagens enviadas às crianças.

Essas corporações produtoras da cultura infantil são, de acordo com Steinberg e Kincheloe (2004), influentes políticos e pedagogos, e por isso, acredito ser necessário, juntamente com as crianças, pensar sobre o que está sendo visto na televisão, pois nem sempre o que está sendo dito ali é a realidade, o verdadeiro. É preciso entender que existe um interesse individual e financeiro de quem está veiculando e ditando a cultura infantil na mídia, pois, ainda segundo Steinberg e Kincheloe (2004, p.24), “a margem de lucro é muito importante para que se importem com o que concerne ao bem-estar das crianças”. Sendo assim, cabe aos pais e educadores importar-se com o bem-estar das crianças, atentando para o que é veiculado e consumido por elas como entretenimento:

Conhecendo seu poder de mergulhar fundo seus tentáculos na vida privada das crianças, os produtores corporativos da cultura infantil constantemente desestabilizam-lhes a identidade. Ao mesmo tempo, contudo, novos produtos – brinquedos, filmes, TV, videogames, moda, literatura – esforçam-se em restabelecer novas identidades através do ato de consumo.(STEINBERG e KINCHELOE, 2004, p. 26)

Acredito que, convivendo com crianças, podemos facilmente perceber como é forte a cultura do consumo já na infância. Sendo os personagens dos programas de televisão o espelho da criança, estes acabam por serem também um formador de identidade. Os produtos relacionados a esses personagens que são exibidos na mídia se tornam objetos de desejo, o que não deve provocar surpresa, considerando a tamanha relevância desses aspectos na vida infantil contemporânea e a intensa propaganda que se faz deles.

A criança hoje tem acesso a todo tipo de informações, possui uma nova forma de olhar o mundo e de se constituir como indivíduo, não representando mais uma “infância protegida” (STEINBERG; KINCHELOE, 2004). A cultura infantil é a pedagogia do prazer, como defendem Steinberg e Kincheloe (2004), que tem sido deixada de lado por pais e educadores, que, ao contrário, deveriam criar estratégias para relacionar essa cultura infantil à pedagogia, à produção de conhecimento, à

formação de identidade e ao desejo, adaptando os currículos escolares às crianças que hoje frequentam o ambiente escolar.

[...] faz-se interessante considerar as reflexões de Costa (2006), que mostra, em suas pesquisas, que as crianças, ao chegarem à escola, já estão posicionadas por diferentes discursos, o que caracteriza a multiplicidade das identidades que se reconfiguram a cada novo jogo, boneco/a, desenho animado, entre outros estratégias da sociedade contemporânea. Apesar das tentativas de controle engendradas nos currículos escolares, os alunos demonstram, cotidianamente, outras formas de pensar e vivenciar os tempos e os espaços. (CARVALHO; BARBOSA, 2009, p.94)

Nessa perspectiva, na qual as crianças chegam à escola com experiências e identidades diversas, moldadas pela mídia televisiva, seria plausível que a escola abrisse um espaço para que, entre educadores, haja a possibilidade de se conversar sobre a cultura infantil comercial. Por meio dessa nova configuração do espaço escolar, seria possível não estreitar a visão dos profissionais da educação em relação à educação para mídia, integrando este aspecto ao currículo escolar, fazendo com que os educadores tenham bom entedimento midiático e capacidade de abordar tais temáticas dentro de sala de aula com seus alunos, onde ambos possam assumir um papel impassível e crítico diante das suas informações:

Em parte, isso sugere analisar como o entretenimento poderia ser interpretado como um tópico a se trabalhar e não como algo a ser consumido passivamente. Isso sugere uma abordagem pedagógica da cultura popular que mostre como a política do popular trabalha para mobilizar desejo, estimular a imaginação e produzir formas de identificação que podem vir a ser objeto de diálogo e investigação crítica. (GIROUX, 2004, p. 104)

Penso ser essencial que a criança que consome a cultura da mídia compreenda a informação que está sendo veiculada para ela, muitas vezes indiretamente, por meio de filmes, desenhos e propagandas possivelmente manipuladoras. É papel do adulto posicionar-se e ajudá-la a entender determinadas situações, de acordo com o entendimento da criança, servindo de mediador. Saliento que este entendimento não se trata de algo precoce, em que a criança teria o mesmo senso crítico, já possivelmente desenvolvido em um adulto, mas sim refere-se a uma percepção mínima, capaz de distinguir a realidade da fantasia.

Esse jovem precisa entender o mundo social e natural, as produções culturais e tecnológicas de sua época, para ser um cidadão informado, crítico, posicionado, capaz de expressar suas opiniões, seus sentimentos, duas discordâncias e também ser capaz de ouvir seus parceiros, seu interlocutores.[...] Para tal, precisa também viabilizar aos estudantes o acesso aos jornais diários, às principais revistas semanais, à programação da TV, aos filmes e peças em cartaz na cidade. (XAVIER, 2008, p. 18)

Instruída e educada para interpretar imagens e analisar as mensagens da mídia, conforme for possível, a criança poderá ser capaz de desenvolver uma visão mais crítica e contextual da sociedade em que vive. Ser capaz de entender que a cultura da mídia tem o poder de moldar sua identidade e seus valores é poder posicionar-se, decidindo o que é realmente válido de se apropriar.

Pensar sobre a cultura infantil criticamente não significa termos de agir como policiais, impedindo que as crianças acessem esse tipo de informação, que constitui o mundo dela. Porém, é importante que a autoridade cultural imposta pela programação infantil na TV seja dissolvida pela autoridade de quem educa e visa o bem-estar da criança. Por isso, o posicionamento questionador e crítico torna-se necessário desde a infância, mas a criança precisa ser estimulada a realizar tal pensamento tão abstrato. A família e a escola precisam estar mais presentes na educação para valores:

Uma vez que os pais não vão muito longe no controle das experiências culturais dos filhos, eles se distanciam do seu papel tradicional de moldar a visão do mundo e os valores dos filhos.[...]Desde os anos 50, mais e mais experiências dos nossos filhos são produzidas por corporações – não tanto por pais ou mesmo pelas próprias crianças. Programas de TV, cinema (agora na TV a cabo), videogames e música (com fones de ouvido que lhes permitem se isolar dos adultos) são agora o domínio privado das crianças. (STEINBERG e KINCHELOE, 2004, p. 32)

A sociedade contemporânea tem afastado cada vez mais pais e filhos, por conta da velocidade de suas rotinas. Hoje, vivemos uma “crise da infância” (STEINBERG; KINCHELOE, 2004), onde a televisão tem sido responsável (e responsabilizada) pela cultura, pela educação e pelos danos causados à mente da criança.

Sendo assim, precisamos atentar para as mudanças ocorridas com a infância nos últimos anos. Crianças saturadas de informações estão em nossas salas de aula, e é preciso que saibamos como educar significativa e contextualmente. É necessário que reassumamos a posição de adultos que atuam para uma educação integral da criança. A cultura infantil não pode ser desprezada, precisa ser valorizada e pensada criticamente, pois é quem constitui o imaginário e a identidade da criança. Por isso, precisamos rever o que propúnhamos em sala de aula, para entrar de acordo com as necessidades das crianças pós-modernas, possibilitando também o desfrute das tecnologias, como afirma Giroux (2004, p.105):

Ensinar e aprender a cultura do livro não é mais a marca do que significa ser instruído. Crianças aprendem a partir da exposição às formas de cultura popular, e estas proporcionam um novo registro cultural do que significa ser instruído. Isso quer dizer que educadores e profissionais da cultura precisam fazer mais do que reconhecer a necessidade de levar a sério a produção das formas de arte popular nas escolas; também significa que não pode haver pedagogia cultural sem práticas culturais que explorem as possibilidades de diferentes formas de arte popular e revelem o talento dos alunos.[...] eles devem também estar aptos a dominar as habilidades e a tecnologia para produzi-la.

Ou seja, é importante valorizarmos a cultura da criança, expormos a ela não só culturas diferentes, mas também torná-la capaz de dominar tecnologias, afinal, essa habilidade é, hoje, imprescindível. Nossos alunos estão ávidos por novos tipos de experiências e experimentações; cabe a nós, professores, proporcionar isso a eles, tornando a sala de aula um local mais próximo à realidade em que vivem, sendo uma alternativa à cultura infantil circulante na TV.

3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A coleta de dados foi realizada em uma escola estadual localizada na Zona Sul de Porto Alegre, em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental de Nove Anos, com autorização da direção da escola por meio da Carta de Apresentação (anexo 1). A turma era formada por 23 alunos, entretanto, 19 deles compuseram a pesquisa, pois foram os alunos autorizados a participar pelos seus responsáveis.

Classifico o presente estudo como qualitativo, pois, como apontam André e Lüdke (1986, p.11), “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. Ainda de acordo com André e Lüdke (1986), o material coletado é descritivo, obtido no contato direto entre pesquisador e objeto de estudo, o significado que os sujeitos dão às coisas merecem atenção especial do pesquisador e as análises seguem um processo indutivo.

Ainda podemos caracterizá-la como um estudo de caso de cunho etnográfico, pois foram utilizados instrumentos como as entrevistas semiestruturadas, as conversas informais e a observação. Também foram utilizados questionários como ferramenta de coleta. A entrevista semi-estruturada “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34). Ou seja, caracterizou-se como uma conversa com roteiro flexível (apêndice A), em que havia interação mútua entre entrevistador e entrevistado.

As entrevistas individuais semiestruturadas foram realizadas durante o período de aula, em uma sala específica, respeitando a rotina da turma. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 2) foi encaminhado previamente aos pais, pelo intermédio da professora titular da turma.

Depois das entrevistas, foram enviados para alguns pais questionários

(apêndice B) para entender melhor a rotina e hábitos da criança em questão, e o que seus responsáveis pensam sobre o tema de pesquisa: mídia televisiva. Para isso, selecionei nove dos alunos que mais explicitaram questões referentes à televisão e ao consumo, enviando para esses o questionário e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 3), também por intermédio da professora titular da turma. Destes, seis retornaram o documento respondido.

Com a professora, realizei conversas informais conforme houve necessidade. Inicialmente, pedi que contextualizasse a realidade de seus alunos, falasse da sua formação, do tempo de experiência em sala de aula, sua opinião sobre questões referentes à mídia televisiva, à educação e à função da escola atual.

Também pude presenciar alguns breves momentos de sala de aula, nos quais observei os materiais escolares, o vestuário e as conversas entre os alunos durante o tempo de coleta de dados.

4 AQUI É SÓ PARA APRENDER AS MATÉRIAS, NÃO SOBRE DESENHO, VER TV... – DAS ANÁLISES

4.1 DAS ENTREVISTAS COM OS ALUNOS

A turma era composta por 25 alunos, porém somente 19 deles foram autorizados a realizar as entrevistas. Os participantes tinham de oito a nove anos de idade.

Os nomes das crianças foram preservados, sendo atribuídos nomes fictícios, escolhidos por elas mesmas.

4.1.1 Sobre o tempo em que não estão na escola

Todas as 19 crianças entrevistadas assistem à televisão quando não estão na escola

Entre elas, 14 possuem TV a cabo em casa.

Hanna Montana - *Vejo TV toda hora. Gosto quando estou doente, porque dá pra ficar em casa vendo TV, mas daí eu não aprendo...*

Renato - *Vejo quase sempre. A TV é minha melhor amiga!*

Homem de Ferro - *Eu não vejo pouco, eu vejo muuuuuuito, né?!*

Hanna Montana - *Vejo TV. Eu durmo vendo TV!*

Fabian - *Vejo todos os dias, toda hora!*

A maioria das crianças, quando indagadas sobre o que fazem quando não estão na escola, respondeu imediatamente que assiste à televisão. As que não referiram imediatamente assistir à TV, depois de indagadas por mim se realizavam tal atividade, responderam afirmativamente, dando a entender que isso seria algo óbvio de se fazer:

Entrevistadora - *O que tu fazes quando não está na escola, Beatriz?*

Beatriz - *Eu fico brincando em casa.*

Entrevistadora - *Tu não costumavas assistir TV?*

Beatriz - *Ah, sim, né?!*

Entrevistadora - *Em que momentos tu gostas de assistir TV?*

Beatriz - *Sempre que eu estou em casa!*

Nesse contexto, se uma escola não ensina a assistir à televisão, para que mundo está educando? A escola tem a obrigação de ajudar as novas gerações de alunos a interpretar os símbolos da sua cultura [...] Se educar exige a preparação dos cidadãos para uma integração reflexiva e crítica na sociedade, como serão integrados cidadãos que não estiverem preparados para realizar de forma crítica aquela atividade à qual dedicam a maioria do seu tempo? (FERRÉS, 1996, p.9)

Sendo assim, as respostas das crianças comprovam a importância de se articular à escola as experiências dos alunos vividas fora dela, visando uma formação integral do aluno. A televisão pode e deveria ser conteúdo escolar, visto que é uma prática unânime e que ocupa boa parte dos dias das crianças.

Muitas vezes, mesmo realizando outras atividades, as crianças permanecem com a televisão ligada durante todo o dia.

A TV distingui-se pela profusa emissão de sons, muitas vezes altissonantes e demasiadamente agudos. Esta particularidade faz com que grande quantidade de pessoas adultas ou de idade avançada utilizem-na para sentirem-se acompanhadas, mesmo que não a assistam e estejam realizando outras tarefas. (SOIFER, 1991, p. 16)

Podemos perceber que, hoje, mesmo as crianças, que necessitam da presença e da comunicação com os adultos, utilizam a televisão para se sentirem acompanhadas. Muitas crianças ficam sozinhas em casa desde muito cedo, para os pais poderem trabalhar. Outras, ficam na companhia de um dos pais ou avós, que realizam atividades domésticas. Ou seja, as crianças estão cada vez mais solitárias, buscando na televisão uma companhia, mesmo que não estejam desfrutando de seu conteúdo.

4.1.2 Sobre os programas por eles assistidos

Entre 59 programas citados pelas crianças, alguns deles são:

Rebelde	Dragon Ball	Homem Aranha
Zack e Cody	Grachi	Hanna Montana
Brilhante Victorious	Hora de Aventura	Todo mundo odeia o Cris
Pica-Pau	Mr Maker	Scooby Doo
Chaves	Os Vingadores	O Incrível Mundo de Gumball

Porém, os que apareceram mais constantemente foram:

Novelas – Doze das crianças entrevistadas disseram assistir a pelo menos uma novela (Avenida Brasil foi a mais citada). Porém, com exceção de dois meninos, os demais não demonstraram empolgação ao serem perguntados sobre o seu conteúdo e não as colocaram entre seus programas favoritos. Acredito que por estarem entre a programação dos pais, as crianças acabam também assistindo às novelas.

Ben 10 – Sete das crianças entrevistadas disseram assistir; quatro delas disseram ser seu programa preferido.

Bob Esponja – Cinco das crianças entrevistadas disseram assistir; apenas uma disse ser seu programa preferido.

I Carly – Quatro das crianças entrevistadas disseram assistir; apenas uma disse ser seu programa preferido.

Quatro das crianças entrevistadas também citaram o programa “TV Globinho”, pois assistem a seu conteúdo na íntegra. Nenhuma o destacou como programa favorito, porém, é possível que algum dos desenhos que compõe o programa tenha sido destacado.

Não podemos negar que a programação assistida pelas crianças exerce um papel importante sobre a vida delas. O prazer que elas demonstravam em conversar sobre aquilo que faz parte do seu imaginário se refletia nas suas expressões de empolgação.

“Cedo descobri que para meus filhos, e suspeito que para muitos outros, esses filmes parecem ao menos inspirar a autoridade e a legitimidade culturais para ensinar papéis, valores e ideais específicos [...]” (GIROUX, 2004, p. 89)

Como afirma Giroux, os filmes, desenhos e seriados infantis possuem o poder de ensinar aos seus telespectadores maneiras de ser e de agir. A televisão dialoga a todo momento com as crianças, diferentemente do que acontece na relação com os pais, que possuem um tempo mais reduzido para conversar com seus filhos, devido a rotinas repletas de compromissos. Sendo assim, quem acaba por ensinar valores às crianças é a televisão e a sua programação, por serem tão presentes nas suas vidas.

4.1.3 Sobre os atrativos que tornam os programas de TV interessantes

As características mais citadas pelos alunos fizeram referência a aspectos que fogem à realidade, como poderes, magia, imaginação, heróis. Também apareceu de forma muito relevante os programas engraçados, divertidos e de ação.

Goku - *Os super heróis fazem o que não pode fazer na vida real!*
Dio Dio - *Dá para imaginar mais alto!*
Renato - *Tem fantasia, coisas que não tem na vida real, eu posso imaginar!*

Como afirma Ferrés (1996 p.7), a TV “alimenta o imaginário infantil com todo tipo de fantasias e contos. É um refúgio nos momentos de frustração, de tristeza ou de angústias.”, mas cabe aos responsáveis pela educação da criança, ajudá-las a interpretar tais informações, pois a partir dessas fantasias infantis, as grandes corporações visam o consumo desde muito cedo por parte das crianças.

Também é importante que o imaginário infantil se desenvolva por meio de outras atividades, que exijam o movimento, a interação e o desenvolvimento físico e mental defendido por Soifer (1991), que a televisão não proporciona:

Camila - *TV é só ficar sentado olhando, parada. Eu como vendo TV!*

Porém, há também os casos em que as crianças são propositalmente expostas à televisão para garantir que estarão dentro de casa, em segurança, longe dos perigos que a rua oferece atualmente, devido aos altos índices de violência. Percebemos essa situação no seguinte trecho de uma entrevista realizada com um aluno:

Michel Teló - *Se não tivesse TV eu ia ficar mais tempo na rua...*
Entrevistadora - *Tu gostas de brincar na rua?*
Michel Teló - *Sim, mas a minha não deixa...*

4.1.4 Sobre as possibilidades de aprendizagem com a televisão

a) Crianças que consideram que aprendem assistindo televisão:

Treze das crianças entrevistadas acreditam que se pode aprender e que já aprenderam algo assistindo televisão. Os “conteúdos” que disseram que podem aprender dizem respeito a cuidados com o meio ambiente, novas palavras (e seus significados), palavras em inglês, aspectos comportamentais (respeito, educação, “saber como agir”, *bullying*), artes (com os programas “Mr. Maker” e “Art Attack”) e ciências (com o programa “Sr. Young”).

Daniel - *Dá pra aprender algumas coisas. O Cartoon Network ensina a desligar sempre a luz, fechar a torneira quando não estamos usando, a jogar o lixo no lixo...*
Roberta - *Dá, já aprendi sim. O Art Attack ensina a fazer várias coisas!*
Ash - *Ensinam a fazer váárias coisas! Tipo o Mister Maker!*

A importância dos desenhos animados como um local de aprendizado é fortalecida pelo amplo reconhecimento de que as escolas e outros locais públicos são cada vez mais assediados por uma crise de visão, de propósito e de motivação.” (GIROUX, 2004, p. 89)

Sendo assim, as crianças consideram aprender assistindo a programação televisiva ao mesmo tempo em que estão se divertindo com ela, aspecto que diferencia o aprender com a TV e o aprender na escola. Geralmente, os “conteúdos escolares” não são motivadores, como os citados pelos próprios alunos: escrever, fazer contas. Já as aprendizagens que televisão proporciona possuem outros propósitos e podem ser mais agradáveis de aprender, como construir brinquedos, por exemplo, assim como os programas citados pelos alunos.

b) Crianças que consideram que não aprendem nada assistindo televisão:

Cinco das crianças entrevistadas consideram que não se pode aprender nada assistindo televisão.

Alice - Não! A TV não ensina nada!

Acreditamos que essa resposta pode mostrar o não conhecimento da criança sobre o que a televisão pode representar na sua constituição como sujeito, e de como isso pode acontecer sem que ela nem ao menos perceba. Também podemos imaginar que essa criança considere que aprendizagem seja constituída apenas por conteúdos escolares.

No segundo exemplo, a aluna entrevistada, ao longo da conversa, desiste da hipótese da TV poder ensinar, considerando-a apenas como um divertimento:

Entrevistador - Tu achas que dá pra aprender com programas de televisão?

Renato - Não muito...

Entrevistador - Tu já aprendeste algo?

Renato - Ah, não... é só pra rir...

Em um caso, a criança considerou que se pode aprender coisas “erradas”:

Camila - *Nunca aprendi nada. Pode ensinar errado, a criança vê uma luta e quer fazer igual.*

Outra não desconsiderou totalmente a possibilidade da TV ensinar, mas também alegou que se pode aprender coisas erradas, conforme a mãe disse:

Hanna Montana - *Minha mãe disse que é má influência, mas é só de mentirinha, é gravado!*

Segundo Ferrés (1996), essa mãe demonstra uma postura apocalíptica, onde a televisão é uma causadora de males.

4.1.5 Sobre o consumo a partir da mídia televisiva

Renato - *Bah, tenho muita coisa!*
Stefanie - *Eu não tenho muita coisa...*

Quinze das crianças entrevistadas alegam ter seu material escolar temático, com seus personagens preferidos. Treze das crianças entrevistadas possuem roupas de seus personagens preferidos. Dez das crianças entrevistadas disseram possuir bonecos e bonecas de seus personagens preferidos. Sete das crianças entrevistadas disseram possuir “brinquedos”, de um modo geral, dos seus personagens preferidos. Seis das crianças entrevistadas disseram possuir pelo menos um sapato de seu personagem preferido (tênis, chinelo, sandália e bota).

Além destes, apareceram produtos como carrinhos, fantasias, relógios, jogos e figurinhas e diário. Uma das crianças possui o quarto tematizado dos “Rebeldes”.

A maioria das crianças entrevistadas, mesmo sendo pertencentes a uma classe social não privilegiada e frequentadoras de escola pública, demonstraram com suas respostas serem consumidoras ativas. Pode-se inferir que seus pais se esforçam para ver realizados os desejos de seus filhos. Desejos esses que muitas

vezes não representam o que a criança realmente precisa, mas que saciam a vontade de consumir.

Foi-se o tempo em que um único agasalho e uma pasta escolar eram cúmplices da infância inteira de uma criança. Presenciamos hoje uma variedade infinita de artefatos dirigidos às crianças que, associados a determinadas imagens que mudam o tempo todo – principalmente de ícones midiáticos como o Homem Aranha e a Barbie –, estimulam contínua e ininterruptamente o desejo. A cada ano adotam-se uma nova mochila escolar, um novo calçado, novos cadernos e estojos, que chegam estampados com a imagem dos ícones do momento. (MOMO, 2009, p. 198)

As crianças expressavam sua vontade de trocar a mochila, o tênis ou outro objeto, por a de um personagem que era mais atrativo no momento. Falavam também dos inúmeros objetos que possuíam com o tema de seus programas favoritos e de como os materiais escolares eram escolhidos e trocados de ano em ano de acordo com essa programação.

Observamos também que algumas das crianças, a minoria delas, não é consumidora ativa devido a razões financeiras. Não lhes agradava muito conversar sobre aquilo que não podiam ter.

Um dos meninos entrevistados contou como ajuda os pais no trabalho, para assim ganhar dinheiro e poder comprar aquilo que ele gosta. Para ele, era motivador trabalhar, pois assim poderia possuir o que almejava.

4.1.6 Sobre uma possível articulação da TV com a sala de aula

Seis crianças consideraram possível a articulação entre TV e sala de aula. Três crianças primeiramente descartaram a possibilidade de articulação entre TV e sala de aula, porém, ao longo da entrevista, mudaram de opinião. Uma criança acredita que é possível utilizar a televisão apenas na biblioteca da escola, mas não em sala de aula. Oito crianças não consideraram possível essa articulação. Uma criança não respondeu.

a) Crianças que consideram que seja possível essa articulação:

Quatro das crianças que consideram que seja possível a articulação entre TV e sala de aula afirmaram que isso pode ser feito com a exibição de um filme seguido de um trabalho de interpretação.

Hanna Montana - *Dá pra fazer perguntas e respostas sobre um filme.*

As outras duas não souberam explicar claramente como essa articulação poderia ser feita. Uma delas acredita que a escola não pode ensinar nada sobre a televisão aos alunos, mas que pode usá-la como instrumento na sala de aula:

Entrevistadora - *Tu achas que a escola pode ensinar algo sobre a televisão?*

Camila - *Não. Os pais que não devem deixar os filhos verem.*

[Em seguida...]

Entrevistadora - *Tu achas que dá pra usar a televisão em uma aula?*

Camila - *Dá, quando a professora deixa.*

Entrevistadora - *E como isso poderia ser feito para que os alunos aprendessem algo?*

Camila - *Dá pra aprender números e letras...[não soube explicar]*

Um dos alunos constatou que a escola poderia ensinar aspectos relativos à televisão para os alunos:

Renato - *Se ver TV demais os olhos ficam vermelhos e dói. Tem que controlar.*

O mesmo aluno respondeu primeiramente que não seria possível utilizar a televisão em sala de aula, e alegou o seguinte:

Renato - *Não sei como seria uma aula, TV é muito legal, mas eu gosto de estudar senão não vou ser nada.*

Porém, durante as entrevistas, assim como aconteceu com outras crianças, ele refletiu sobre o assunto e pensou na possibilidade de assistir um DVD e, após isso, fazer um trabalho sobre o mesmo assunto.

Em outro caso como o de Renato, a menina respondeu o seguinte:

Barbie - *Aqui é só para aprender as matérias, não sobre desenho, ver TV...*

E depois de refletir um pouco:

Barbie - *A gente viu desenho no 2º ano e depois desenhou a parte que mais gostou. Até dá...eu ia gostar!*

Apesar de considerarem a possibilidade de integração entre televisão e sala de aula, esses alunos não conseguem pensar maneiras diferentes de se fazer isso além de se trabalhar com a citada interpretação. É possível que a escola transforme essa concepção, considerando a importância na formação da identidade e na vida social e afetiva dessas crianças.

Chamo a atenção para o fato de que essa presença da TV na vida cotidiana tem importantes repercussões nas práticas escolares, na medida em que crianças, jovens e adultos de todas as camadas sociais aprendem modos de ser e estar no mundo também nesse espaço da cultura. (FISCHER, 2003, p. 18)

O que desejamos agora é que as práticas escolares percebam a relevância desse espaço da cultura, proporcionando diferentes aprendizagens aos seus alunos.

b) Crianças que consideram que essa articulação não é possível:

As oito crianças que não consideram a articulação possível, estabeleceram um grande distanciamento entre televisão e sala de aula. Mesmo as que alegaram já ter aprendido algo assistindo TV não fazem nenhuma ligação com “conteúdo escolar”:

Goku - Escola e TV não tem nada a ver! Escola e TV é bem diferente!
Michel Teló - Eu aprendi [assistindo TV], mas não sei como a escola pode fazer!
Daniel - Só quando acabam as atividades, aí dá pra ver filme...

Uma criança falou que se pode usar o computador em aula de informática, mas não a televisão:

Roberta - Não dá pra estudar com TV!

Uma das crianças alegou que se pode utilizar a televisão em outro espaço da escola, mas não em sala de aula:

Dio Dio - Na sala de aula não. Os alunos só vão ficar vidrados na TV. Só na biblioteca.

Não é espantoso que essas crianças não vejam nenhuma possibilidade de integrar a televisão ao que se aprende tradicionalmente na escola, pois, como afirmam Steinberg e Kincheloe (2004, p. 24):

Em muitas escolas tais ideias nunca foram consideradas, muito menos discutidas com seriedade. O conhecimento da mídia, como o poder, não é visto nos currículos populares como um tópico para crianças (ou mesmo adultos).

O pensamento dos autores alude ao fato de que é preciso repensar os currículos escolares, para que estes considerem o público que hoje frequenta a escola. Professores e pais precisam estar preparados para lidar com a demanda que nos trazem as crianças da pós-modernidade, para que possam também prepará-las para receber e interpretar informações midiáticas.

O papel do crítico profissional da infância envolve o auxílio às crianças no desenvolvimento do que John Fiske (1993) chama de “momentos afetivos da evasão do poder”. Usando sua capacidade de “reler” os filmes da Disney apontando-lhes os defeitos ou recodificando Barbie e Ken de forma satírica, as crianças dão seus primeiros passos em direção à autoafirmação e ao poder de oposição. Certos momentos afetivos da evasão do poder certamente não constituem a última expressão de oposição, mas podem produzir um espaço em torno do qual formas de consciência

crítica mais significativas e ação cívica podem ser desenvolvidas.”
(STEINBERG e KINCHELOE, 2004, p. 21)

Dessa maneira, incentivando as crianças a saírem de um estado de alienação, questionarem os personagens e programas que assistem, estaremos realizando práticas com sentido e relevância para elas.

4.2 DOS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS PAIS

O questionário foi enviado para nove pais, cujos filhos demonstraram mais fortemente questões referentes ao uso da televisão nas entrevistas. Seis deles responderam.

4.2.1 Sobre o tempo em que a criança assiste TV

Alguns pais foram mais precisos quanto ao tempo e outros relataram apenas os turnos em que seus filhos assistem televisão:

Pai Roberta - Ela olha de manhã e depois da escola.
Mãe Goku - metade do dia.
Mãe Homem de Ferro - 4 a 5 horas por dia.
Mãe Renato - 3 horas de manhã; 5 horas de noite.

As respostas demonstram que as crianças assistem o mesmo ou maior tempo de televisão do que a média para crianças brasileiras (4h51min19seg), com exceção de um menino cuja mãe alega que assiste duas horas diárias.

Quando questionados sobre o que acham sobre as crianças assistirem tanto tempo de televisão, duas mães associaram a situação com o fato de viverem em apartamentos, com pouco espaço, e a violência atual:

Mãe Camila - Acho que muitas crianças não têm espaço para brincar, ficam em apartamentos.

Mãe Homem de Ferro - Ruim, mas como deixar brincar na rua? Com tanta violência...

Uma mãe mencionou, enquanto explicava a rotina do filho, a mesma questão, porém, não a associou ao uso abusivo da televisão:

Mãe Renato - [...]não deixo sair na rua fica só em casa.

Duas mães consideraram positivo o fato de as crianças assistirem tantas horas de televisão:

**Mãe Roberta - É muito bom para aprender algo mais.
Mãe Renato - É muito bom não vejo nada de errado.**

Considerando o fato já citado do aumento dos índices de violência nas cidades brasileiras, somado à longa jornada de trabalho dos pais, que, por consequência, possuem menos tempo para se dedicar aos filhos, e, portanto, levá-los para praças e passeios ao ar livre, as crianças, e até mesmo os próprios pais, buscam na televisão um refúgio.

Não podendo sair de casa sozinhas, e muitas vezes sem companhia, as crianças passam muito tempo assistindo televisão, conforme Kincheloe (2004, p.56): "Aumentando o tempo de abandono e afastamento, as crianças contemporâneas se voltaram para a TV e o videogame como forma de preencher o tempo sozinhas."

E muitas vezes, esse tempo dedicado à televisão é visto como saudável para os pais, que procuram o bem-estar de seus filhos, assim entendendo que suas crianças estão em segurança, entretidas e adquirindo informação. Porém, de acordo com Soifer (1991), poucas famílias têm uma noção clara dos prejuízos que o uso abusivo da televisão pode trazer à infância.

4.2.2 Sobre a televisão no quarto da criança

Cinco dos pais disseram que seus filhos possuem televisão no quarto. Dois deles possuem desde muito cedo: dois e três anos de idade. Podemos inferir, a partir disso, que é difícil ter o controle da programação e da quantidade de tempo que as crianças que possuem TV no quarto a utilizam.

É comum que [...] a família inteira esteja pendente do receptor durante horas, para o que todos permanecem fechados juntos em casa, às escuras, na mesma peça, ou distribuindo-se em diferentes quartos, para assistir programas diferentes. (SOIFER, 1991, p.12)

Conforme a observação de Soifer, grande parte do curto tempo em que a família hoje permanece reunida é em frente ao aparelho de televisão. Em alguns casos, a família não se encontra reunida nem ao menos para tal situação, pois se distribuem em seus quartos (inclusive as crianças) para assistirem ao que mais lhes agrada, ou pelo fato de assim se sentirem mais confortáveis.

4.2.3 Sobre a opinião dos pais sobre a função da televisão

Quatro dos pais referiram apenas aspectos positivos sobre a função da televisão, considerando que ela pode ser informativa e educativa, podendo funcionar como um apoio, como mais um instrumento para a educação de seus filhos:

Pai Roberta - *Função e de instruir e ensinar algo que ela não sabia até que existe no planeta.*

Mãe Homem de Ferro - *Divertir e ajudar na educação, mostrando bons exemplos.*

Um referiu aspectos positivos e negativos, entendendo que a televisão não é apenas causadora de males, mas também não serve apenas para o ensino de coisas boas:

Mãe Renato - *Ensina muita coisa boa, mas também muita coisa ruim.*

Um referiu apenas aspectos negativos, lembrando-nos novamente da visão apocalíptica defendida por Ferrés (1996):

Mãe Daniel - *a função da TV que as crianças aprendem muita coisa que não presta e perdem o tempo de brincar.*

Podemos inferir também que, apesar de não aparecer explicitamente nas respostas da questão referente à função da televisão, alguns pais consideram que ela oferece segurança aos seus filhos, dentro de casa, sem perceber outros perigos a que as crianças podem estar expostas, como já citado na página anterior.

4.2.4 Sobre consumismo e televisão

Quatro dos pais não consideram seus filhos consumistas.

Mãe Daniel - *O Daniel não é consumista; ele é bem econômico.*

Mãe Renato - *Não é consumista; eu que dou quando posso as coisas a ele[...]*

Mãe Goku - *Não consumista, mas ele acha fácil quando quer comprar alguma coisa.*

Um considera que seu filho seja consumista às vezes.

Mãe Camila - *Algumas vezes. Acho que é muita propaganda de alguns produtos.*

Um considera seu filho consumista.

Mãe Homem de Ferro - *Sim, porque tudo que tem uma propaganda legal ele quer.*

Acredito que seja possível que os pais tenham respondido que seus filhos não são consumistas pelo fato de não possuírem condições financeiras de dar-lhes tudo o que pedem. Porém, as crianças demonstram o desejo de consumir. Isso fica claro nas respostas ao questionário e até mesmo nas entrevistas com as crianças.

Estas corporações que fazem propaganda de toda a parafernália para as crianças consumirem promovem uma “tecnologia do consumo” que efetivamente promete redenção e felicidade através do ato de consumo (ritual). Do mesmo modo, propaganda e produção de prazer permitem que se estabeleça uma linha direta com o imaginário das nossas crianças [...](STEINBERG; KINCHELOE, 2004, p. 24)

Como explicam Steinberg e Kincheloe, as crianças possuem o desejo do consumo, pois é prometido para elas, por meio das propagandas, a satisfação, a felicidade que se terá após a compra de um produto. Para isso, as propagandas abusam da imaginação infantil, na qual o personagem que usa ou come determinado produto é mais forte, mais rápido e tem muitos amigos. Assim, o desejo de consumir aquilo que está sendo vendido torna-se quase que inevitável para a criança, pois, para ocupar determinado lugar na sociedade, aquele produto é necessário.

Apesar da maioria dos pais não considerarem seus filhos consumistas, cinco deles acreditam que a televisão influencia no que seus filhos gostam de comprar, comer e vestir.

Mãe Homem de Ferro - *Influencia sim, quando vê um tênis da propaganda, ele quer, brinquedos diferentes, com propaganda bacana, ele também quer.*
Na linguagem, influencia bastante; muitas vezes vejo ele querendo imitar um personagem...

Na resposta transcrita acima, podemos perceber que a mãe do menino destaca também aspectos comportamentais da influência da televisão.

Apenas um não considerou a TV como uma influência.

Pai Roberta – Não. Hoje em dia a criança já nasce sabendo o que quer, a televisão só ajuda a saber mais.

Considerando tais respostas, podemos entender a importância de se articular na escola as informações que os alunos obtêm por meio da televisão. Muitas vezes, seus pais e seus professores também não estão preparados para interpretar essas informações, o que exigiria um movimento muito grande da escola, para que se incluam esses aspectos nos currículos e planejamentos escolares, buscando uma pedagogia cultural, dando sentido à educação na atualidade, como defendem Steinberg e Kincheloe (2004, p.14):

Tal esforço pode situar-se no âmbito da abrangente expressão *pedagogia cultural*, que enquadra a educação numa variedade de áreas sociais, incluindo mas não se limitando à escolar. Áreas pedagógicas são aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes etc.

Sabe-se hoje que 80% da influência de compra dentro de uma casa vêm das crianças (Pesquisa intersciência, outubro/2003), e que por isso, as propagandas são voltadas para elas. Segundo a Associação Dietética Norte Americana Borzekowski Robison, basta apenas 30 segundos para uma marca influenciar uma criança. Sendo assim, é indispensável que se prepare as crianças e seus educadores para pensar criticamente sobre o consumo desenfreado que é proposto a elas pela mídia.

[...] um entendimento crítico da cultura da mídia não requer que os alunos simplesmente desenvolvam a habilidade de interpretar o sentido da mídia, mas que entendam os meios que eles próprios consomem e investem afetivamente na mídia. Dessa maneira, tal tentativa encoraja ambos, pensamento crítico e auto-análise, com os estudantes começando a compreender que as decisões diárias não são necessariamente tomadas de forma livre e racional. (STEINBERG e KINCHELOE, 2004, p. 23)

Pensar sobre as mensagens que são veiculadas na mídia, saber diferenciar a necessidade e até o desejo de algo que está sendo imposto, que não é o que queremos, sem que ao menos percebamos, é um ensinamento necessário para a escola da pós-modernidade. É preciso compreender que a mídia busca convencer

seus telespectadores de que o que está sendo vendido ali é o que queremos e precisamos para sermos aceitos. O desenvolvimento do pensamento crítico é a chave para a liberdade.

4.3 DAS CONVERSAS COM A PROFESSORA TITULAR DA TURMA E OBSERVAÇÕES

A professora titular da turma em que realizei a coleta de dados (que aqui será chamada de A.M.) é formada em pedagogia e cursa especialização em Mídias na Educação. Sua experiência como docente é de 25 anos, 19 deles dedicados ao Estado.

Ela relata que busca saber sobre a rotina de seus alunos fora da escola, e até interfere nisso se for necessário. Isso acontece porque A.M. se preocupa com a formação integral do aluno. Quando acredita que é preciso, chama os pais para saber, por exemplo, a que horas a criança está indo dormir, se a percebe sonolenta em sala de aula. A função da escola para ela é esta: juntamente com a família, formar a criança integralmente.

A professora não vê seus alunos trazerem questões da programação que assistem para a sala de aula em seus comportamentos, mas os produtos de personagens aparecem bastante. Considera que a televisão pode passar valores e que isso precisa ser questionado. Em sala de aula, afirma que se pode “peneirar” informações veiculadas pela TV e pensar sobre elas.

Para A.M., é essencial que os professores se atualizem e se renovem para atender às necessidades e demandas dessa nova infância, mas para isso o poder público precisa investir na educação e dar infraestrutura para as escolas.

A.M. mostrou-se interessada na temática desse trabalho, demonstrando estar aberta a novas práticas que visem à integração da televisão em sua sala de aula, considerando a importância da mídia televisiva na vida das crianças.

Os momentos de observação foram poucos e breves, devido ao tempo limitado para realização do estudo. Pude observar que a maioria das crianças

possuía o seu material escolar e a sua garrafa de água com o tema de personagens de desenhos animados ou de séries de TV. Vários deles também vestiam pelo menos uma peça de roupa desses personagens.

Pude presenciar o momento em que um menino levantou do seu lugar para mostrar a atividade terminada à professora e um DVD caiu de dentro do caderno, chamando a atenção das demais crianças, que queriam saber de que filme se tratava. Ao saberem que era a animação “Rango”, conversaram por alguns minutos, entre eles, sobre o conteúdo do filme; alguns se manifestaram, alegando já terem assistido ou não. Em seguida, retomaram a atividade que estava sendo proposta.

5 ENTÃO, O QUE PROPOR? – PENSANDO PROPOSTAS DE ARTICULAÇÃO E INTEGRAÇÃO DAS INFORMAÇÕES TELEVISIVAS À SALA DE AULA

Conforme os referenciais teóricos e dados que colhi durante a pesquisa, percebemos que a integração das informações obtidas pelas crianças por meio da televisão à sala de aula constitui uma necessidade para a educação no século XXI. Descrevo a seguir algumas propostas para tornar essa integração possível.

5.1 MOMENTO DA NOTÍCIA

É essencial que as crianças saibam e entendam o que acontece no mundo, por isso, sugiro o “Momento da Notícia” como uma atividade a ser realizada em sala de aula.

Os telejornais não estão entre a programação que as crianças gostam de assistir, mas elas sempre possuem acesso a notícias, mesmo que nos intervalos dos programas ou quando assistem televisão com os pais. As que possuem acesso à jornais às vezes leem suas manchetes, ou ouvem conversas entre os adultos sobre algo que está sendo veiculado pelas mídias. Sendo assim, o “Momento da Notícia” tem como objetivo informar as crianças sobre importantes fatos que acontecem no mundo.

A proposta é de que o professor comece pedindo para que um aluno por semana traga para a sala de aula uma notícia que considere relevante e explique do que ela se trata e por que motivo a escolheu. A notícia pode ter sido ouvida na TV ou por outras pessoas – e, em seguida, redigida pela criança -, ou recortada de um jornal. Depois da apresentação, abre-se um debate da turma sobre o assunto; por isso, o professor também precisa estar atento e atualizado sobre o que acontece no mundo. É importante que, depois que o aluno a apresente, a notícia seja fixada em um mural, para que toda a turma possa lê-la na íntegra e visualizar

alguma imagem. Para tornar o momento mais atrativo, pode-se encenar um telejornal, em que os alunos se caracterizam e utilizam microfones para apresentar uma notícia. Para que a proposta dê certo, precisa ser interessante para as crianças, então o professor deve utilizar a criatividade.

A proposta é flexível, o que faz com que possa ser realizada em qualquer sala de aula. A frequência que terá a atividade é de critério de cada docente, porém, a sugestão é de que aconteça pelo menos uma vez na semana. É bom lembrar que é preciso fazer disso um evento, para que seja prazeroso e esperado pelas crianças.

Além de ser uma proposta que visa a informação, vários outros aspectos estarão sendo trabalhados, como a argumentação; a oratória, exercitando a fala em público; o saber ouvir o colega e esperar o seu momento de falar; e a criticidade. Dessa forma, os alunos ficarão mais atentos às notícias do mundo, interpretando-as e selecionando-as.

5.2 RODA DE CONVERSA

A “Roda de Conversa” tem como objetivo conhecer melhor a turma e refletir com ela sobre os mais variados temas. Aqui ressaltamos questões referentes à televisão e à sua programação.

Essa proposta é bem-vinda sempre que possível, podendo ser realizada diariamente, no primeiro momento da aula. É uma conversa em que as crianças contam sobre eventos importantes que aconteceram em suas vidas, funcionando também como um meio para que se conheça melhor a realidade do aluno. Muitas vezes, a fala das crianças já serve como um “gancho” para o professor inserir um tema interessante para discussão. Caso isso não aconteça, o docente pode, sempre que considerar necessário, levantar previamente um tema para ser debatido na roda de conversa.

Questões referentes a gênero, etnias e consumismo podem ocasionar uma bela discussão, seguido de uma reflexão dos alunos acerca do tema. Sempre que surgirem temas interessantes, se pode propor algum trabalho posterior sobre o mesmo assunto.

Nem sempre a roda de conversa tomará a mesma proporção. Isso ocorrerá de acordo com as pretensões do professor.

Dessa forma, também estaremos trabalhando diversos aspectos com as crianças, como o pensamento crítico, a reflexão, o respeito e a argumentação.

5.3 TRABALHANDO COM OS PROGRAMAS E PERSONAGENS

É possível que os programas assistidos pelos alunos tornem-se projetos de estudo. O professor precisará conhecer a programação assistida pelos alunos e analisar os temas que serão trabalhados; será ele que levantará os aspectos que serão estudados pelos grupos.

Esse trabalho pode ser realizado de diversas formas. Uma delas é pensar questões sociais que aparecem nos programas: classe econômica, gênero, etnia, religião etc. Pode-se pedir para que todos os grupos pesquisem sobre essas questões dentro dos programas que estão sendo trabalhados, ou eles podem ser distribuídos para cada grupo, de forma intencional por parte do professor.

Essa é uma proposta que exige o questionamento e o pensamento crítico das crianças. É um bom exercício para que elas se desloquem do lugar de meras telespectadoras para analisadoras do conteúdo dos programas.

A programação dos alunos também poderá ser utilizada como estopim para a iniciação de um projeto. Utilizando o desenho “Bob Esponja”, por exemplo, é possível que se desenvolva um projeto sobre a vida embaixo d’água.

Outra possibilidade é a de estudar a história dos desenhos animados, conhecendo o processo pelo qual passaram para serem como vemos hoje.

Não podemos esquecer que projetos como esses sempre trabalharão também com conteúdos escolares, pois exigirão leitura, escrita, interpretação e poderá entrar nas áreas das ciências sócio-históricas.

5.4 DANDO ASAS À IMAGINAÇÃO

Como as crianças mencionaram nas entrevistas, a imaginação, a fantasia e a ação estão presentes nos programas que elas gostam de assistir na televisão. A escola também pode ser um lugar para imaginar e fantasiar, colocando seus corpos em movimento, e o trabalho com o teatro é uma opção para que isso aconteça.

Existem várias maneiras de se utilizar o teatro em sala de aula. Ele normalmente aparece nas apresentações dos alunos, proporcionando uma forma diferente e atrativa de mostrar os conhecimentos adquiridos depois de um estudo.

Com a encenação, se pode realizar uma novela da turma ou de pequenos grupos. As crianças precisarão escrever a história, planejar os capítulos, o figurino e distribuir os papéis. O roteiro pode ser referente a algum tema que o professor estará estudando com os alunos em sala de aula. Os capítulos podem ser gravados pelo professor e, após isso, exibidos para outras turmas da escola. É possível também fazer uma fotonovela, ou uma radionovela, nesses mesmos moldes. Pode-se apresentar questões importantes para serem discutidas sobre as novelas que são veiculadas hoje e assistidas pelos alunos. O professor precisa estar atento para promover momentos de reflexão e questionamentos sempre que surgir a oportunidade.

É interessante também estudar a história do teatro ou da novela no Brasil, para que as crianças possam fazer um comparativo – ou uma linha do tempo – com a época em que vivemos.

5.5 UTILIZANDO DIFERENTES MATERIAIS

Trabalhos mais simples, como o de utilizar diferentes materiais em sala de aula, podem promover a integração com a televisão.

Propostas que envolvam encartes de lojas, podem ser um estopim para se trabalhar o consumismo. As crianças podem recortar os produtos que desejam, explicando o motivo pelo qual eles chamaram a atenção. Faz-se um debate com a turma, explicitando questões de desejo, necessidade e imposição da mídia. Os alunos também podem fazer um comercial de TV convincente para vender um produto, vivendo essa experiência de maneira oposta. Também poderão fazer propagandas com desenhos e frases que chamem a atenção. Essa proposta pode ser realizada como uma apresentação para outras turmas da escola, na qual os alunos tentarão vender seus produtos. As crianças terão espaço para discutir, juntamente com os professores, questões referentes ao consumismo. Assim, as crianças podem dar-se conta de que quem está fazendo propaganda de produtos tem a intenção do lucro e pode fazer de tudo para vendê-lo, sem visar o bem-estar do consumidor.

As atividades de compras no supermercado ou com jogos como “Banco Imobiliário” podem trazer à tona as questões de consumo e de administração do dinheiro. Brincando dessa forma, pode ser mais fácil de entender a situação dos pais que nem sempre podem fornecer aos filhos tudo o que eles pedem. É bom lembrar que essas propostas necessitam do professor como mediador, trabalhando claramente essas complexas questões com os alunos.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A mídia televisiva já está imposta em nossa sociedade, e o que nos cabe é encontrar maneiras para lidar com ela. Para isso, é fundamental que ensinemos nossas crianças a assistirem TV, assim como foi defendido ao longo deste trabalho.

Senti-me muito motivada enquanto realizava as entrevistas com as crianças. Nesse momento, os alunos fortaleceram as razões desse estudo acontecer, pois mostravam em suas falas aspectos que formavam o conteúdo do que aqui escrevi.

Ao longo dessa escrita, pude refletir sobre a minha própria prática docente, repensando a função da escola e do professor do século XXI. As práticas escolares necessitam ser adaptadas para receber crianças midiáticas e tecnológicas, que constituem a infância pós-moderna. Para isso, os professores também precisam repensar o que a mídia televisiva representa hoje na nossa sociedade e como as crianças se relacionam com isso. Para realizar atividades que possam proporcionar que os alunos desenvolvam um pensamento crítico, é preciso que, de antemão, os docentes exercitem esse olhar questionador acerca da televisão e sua programação.

A programação que as crianças assistem, conforme elas mesmas descrevem, as faz imaginar, vivenciar fantasias, mas, como afirma Giroux (2004, p.96) “o encantamento tem seu preço se ele seduz a plateia a suspender o julgamento crítico das mensagens produzidas por tais filmes”. Portanto, práticas questionadoras se fazem essenciais para os telespectadores ávidos que constituem essas crianças.

Além dos alunos e professores, um trabalho que visa a utilização saudável e produtiva da TV, precisa envolver os pais das crianças. Não podemos julgá-los por não perceberem os prejuízos que o uso abusivo e indiscriminado da televisão pode causar aos seus filhos, pois esse tema não é tradicionalmente debatido pela escola, muito menos por seus interessados, que são os meios de comunicação. É

preciso, portanto, que a escola realize movimentos de formação juntamente com esses pais, para debater aspectos referentes à mídia e ao consumo.

Dessa forma, torna-se possível um trabalho que vise uma pedagogia cultural (STEINBERG; KINCHELOE, 2004) capaz de articular a televisão e a educação escolar. Interpretar, reler, repensar, refletir e questionar as informações veiculadas pela TV podem as transformar em conhecimento, além de ser um exercício para a mente. É possível aprender vendo televisão se aprende-se a vê-la.

Se a TV está tão presente no cotidiano das crianças, então porque não trazer isso a nosso favor? Tornar a escola um ambiente motivador, onde os interesses das crianças sejam levados em consideração e trabalhados, dá sentido ao ensino-aprendizagem dessa época.

A instituição escolar e a comunidade precisam se movimentar de seu lugar para viver o mesmo tempo das crianças que a frequentam, conforme Kincheloe (2004, p.77):

[...] enquanto grupos de pais debatem o valor da educação sexual nas escolas públicas, seus filhos estão em casa assistindo a um documentário sobre o estupro [...] Quando os professores e a cultura escolar tratam tais crianças como se elas não soubessem nada do mundo adulto, as crianças consideram a escola irremediavelmente arcaica, fora de sintonia com o tempo.

Discursos que consideraram a formação integral do aluno merecem que tal constatação saia apenas do âmbito das ideias para a prática. A escola também ensina - ou deveria ensinar - valores e comportamentos, em parceria com as famílias. Essas prática conjuntas, aliada aos interesses infantis, constituem uma nova forma de escolarização, fomentada pelos que acreditam em uma proposta pedagógica que dê conta das crianças que frequentam as escolas hoje.

Enfim, esse estudo me desestabilizou, fazendo-me refletir sobre as novas formas de viver e de pensar a infância que vai à escola. Para ser professor, não basta acomodar-se e utilizar-se sempre da mesma “receita”, é preciso que haja a inquietação para que aconteça o movimento, a adaptação e a readequação a cada aluno, a cada nova turma que se recebe ao iniciar o ano letivo. É com o intuito de

construir conhecimentos significativos para a vida de meus futuros alunos que finalizo esse trabalho, mas não os questionamentos, que continuarão trilhando comigo meu caminho, buscando sempre novas respostas para solucionar novos problemas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Mirtes Lia Pereira; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Práticas escolares em espaços-tempos contemporâneos. In: COSTA, Marisa Vorraber. **A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

CORSO, Mário; CORSO, Diana Lichtenstein. **A Psicanálise Na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRIANÇA, a alma do negócio. Direção de Estela Renner. Brasil: Maria Farinha Produções, 2008. 49 minutos. Documentário.

FEILITZEN, Cecília Von. Quantidade de Tempo que as Crianças Passam Vendo TV Estatísticas de Dez Países. In: FEILITZEN, Cecília Von; CARLSSON, Ulla. **A Criança e a Mídia: imagem, educação, participação**. São Paulo: Cortez Editora; Brasília DF: UNESCO, 2002.

FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação: Fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GIROUX, Henry A. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In: STEINBERG, Shirley R; KINCHELOE, Joe L. **Cultura Infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MAMEDE, Liciane. **Novos consumistas em formação**. Disponível em: <<http://www.ciranda.net/brasil/comunicacao/semana-nacional-pela/article/novos-consumistas-em-formacao>> Acesso em: 12 maio 2012.

MOMO, Mariangela. Tudo, ao mesmo tempo, agora! A vida urgente das crianças contemporâneas. In: COSTA, Marisa Vorraber. **A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

KINCHELOE, Joe L. Esqueceram de mim e Bad to the Bone: o advento da infância pós-moderna. In: Steinberg, Shirley R; Kincheloe, Joe L. **Cultura Infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1986.

MOMO, Mariangela. **Mídia e consumo na produção de uma infância pós-**

moderna que vai à escola. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Tese de Doutorado. 2007

SOIFER, Raquel. **A Criança e a TV:** uma visão psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

STEINBERG; KINCHELOE. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley R; KINCHELOE, Joe L. **Cultura Infantil:** a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

XAVIER, Maria Luisa M. Escola e o mundo contemporâneo – novos tempos, novas exigências, novas possibilidades. In: ÁVILA, Ivany Souza. **Escola e Sala de Aula - Mitos e Ritos:** um olhar pelo avesso do avesso. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

ANEXO 1 – CARTA DE APRESENTAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS BÁSICOS

Porto Alegre, 11 de abril de 2012.

SENHOR/A DIRETOR/A:

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a V.Sa. a/o universitária/o Luísa Collato, regularmente matriculada/o no Curso de Pedagogia.

Solicitamos permissão para que a/o aluna/o possa realizar trabalho prático de pesquisa educacional para fins do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Vale mencionar que o comprometimento tanto da instituição como da/o aluna/o que ora se apresenta é de respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informamos que quaisquer dados obtidos junto a esta instituição estarão sob sigilo ético.

Desde já agradecemos sua atenção e cooperação.

Dra Luciane Corte Real
Professor/a Orientador/a do TCC

ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ENTREVISTAS)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO UFRGS/FACED/CURSO DE PEDAGOGIA Pesquisa para trabalho de conclusão de curso

Esta pesquisa está vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Está sendo elaborada para fins de Trabalho de Conclusão de Curso e tem como finalidade investigar e analisar a interação das crianças com a mídia televisiva. Para isso, serão realizadas entrevistas individuais com os alunos da turma de 3º ano, do turno da tarde, na Escola XXXXXX. Seu filho (a) está convidado (a) a participar deste estudo.

Seu consentimento é solicitado para que a pesquisadora Luísa Jacques Collato, aluna do Curso de Pedagogia, possa realizar este trabalho. As entrevistas acontecerão na escola, durante o período de aula e serão agendadas conforme a rotina da turma e sob autorização da professora XXXXXX. As mesmas não apresentam riscos ao participante. Se no decorrer do trabalho a criança não quiser prosseguir, terá plena liberdade de abandonar a pesquisa. Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais, os nomes dos participantes não serão utilizados, mantendo o anonimato.

Eu, _____ pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que conheço as finalidades da pesquisa e autorizo meu filho (a) _____ a participar da mesma.

Assinatura do Responsável

Assinatura da Aluna Pesquisadora

Assinatura da Professora Orientadora

A aluna pesquisadora Luísa é orientada pela Profª Drª Luciane M. Corte Real, professora do Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (telefone: 3308 3266).

Desde já agradeço a participação nesta pesquisa.

Porto Alegre, ____/____/2012.

ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (QUESTIONÁRIOS)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO UFRGS/FACED/CURSO DE PEDAGOGIA Pesquisa para trabalho de conclusão de curso

Esta pesquisa está vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Está sendo elaborada para fins de Trabalho de Conclusão de Curso e tem como finalidade investigar e analisar a interação das crianças com a mídia televisiva. Você está convidado (a) a participar deste estudo.

Seu consentimento é solicitado para que a pesquisadora Luísa Jacques Collato, aluna do Curso de Pedagogia, possa realizar este trabalho. Serão enviados, por intermédio da professora XXXXXX, questionários para que os pais dos alunos do 3º ano da Escola XXXXXX respondam. Não existem riscos para os participantes. Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais, os nomes dos participantes não serão utilizados, mantendo o anonimato.

Eu, _____ pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que conheço as finalidades da pesquisa e aceito participar da mesma.

Assinatura do Participante

Assinatura da Aluna Pesquisadora

Assinatura da Professora Orientadora

A aluna pesquisadora Luísa é orientada pela Profª Drª Luciane M. Corte Real, professora do Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (telefone: 3308 3266).

Desde já agradeço a participação nesta pesquisa.

Porto Alegre, ___/___/2012.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS DAS ENTREVISTAS

- O que faz quando não está na escola?
- Quantas TVs têm em casa? Tem no quarto? Onde assiste? Com quem? Em que momentos?
- O que assiste? O que mais gosta de assistir? Qual o personagem preferido? Por quê? O que tem de produtos (brinquedos, roupas, material escolar...)?
- Por que gosta de assistir TV? Quando um programa é legal? Quando um programa é chato?
- Acha que dá para aprender com programas de TV? Você já aprendeu alguma coisa? O que?
- O que gosta na escola? O que não gosta na escola? Como a escola poderia ser mais legal?
- Você acha que a escola pode ensinar algo sobre a TV? Como você acha que isso poderia ser feito?
- Dá para usar a TV em uma aula? Como?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO**QUESTIONÁRIO**

1. Conte um pouco da rotina do seu filho (a):

2. Com quem seu filho (a) passa o tempo em que não está na escola?

3. Quanto tempo em média seu filho (a) assiste TV por dia?

4. Ele (a) assiste televisão acompanhado (a) por alguém? Quem?

5. Você sabe a programação que seu filho (a) assiste na TV? Conhece os programas? Já assistiu? Cite alguns.

6. Qual a sua opinião sobre os programas que ele assiste?

7. Seu filho (a) possui TV no quarto? Desde que idade?

8. Seu filho (a) costuma pedir constantemente brinquedos, roupas, tênis, aparelhos eletrônicos? Quais?

9. Você o (a) considera uma criança consumista? Por que acha que isso acontece?

10. A criança brasileira é a que mais assiste televisão no mundo, em média 4h51min por dia (IBGE, 2005). O que você acha disso?

11. Na sua opinião qual é a função da televisão?

12. Você acha que a televisão influencia nas coisas que seu filho gosta de comprar, comer, vestir? Conte um pouco sobre como isso acontece.

Muito obrigada pela atenção!